

CAPÍTULO 22

DESVENDANDO EMOÇÕES NO MUSEU GRUPPELLI: BREVES APONTAMENTOS CONCEITUAIS

Data de aceite: 22/03/2021

Data de submissão: 25/01/2021

José Paulo Siefert Brahm

Universidade Federal de Pelotas
Bolsista CAPES – Código de financiamento
001
Pelotas - RS
<https://orcid.org/0000-0002-1837-425X>

Juliane Conceição Primon Serres

Universidade Federal de Pelotas
Pelotas – RS
<https://orcid.org/0000-0003-4848-1539>

Diego Lemos Ribeiro

Universidade Federal de Pelotas
Pelotas - RS
<https://orcid.org/0000-0002-2433-4828>

Koury (2009), Torres (2009), entre outros.

PALAVRAS - CHAVE: Emoção. Musealidade. Emoção Patrimonial. Museu Gruppelli.

DISSEMINATING EMOTIONS AT THE MUSEUM GRUPPELLI: IN BRIEF CONCEPTUAL POINTS

ABSTRACT: This article is inspired by the thesis project that is being developed in the Postgraduate Program in Social Memory and Cultural Heritage of the Federal University of Pelotas (UFPel). The purpose of this article is to present and discuss the main concepts that we are discussing in our thesis study. The concepts are: emotion, museality and heritage emotion. We mention that our doctoral research seeks to analyze the emotions expressed by the visitors in the context of the Gruppelli Museum, located in the rural area of the city of Pelotas-RS, and their meanings. Our argument is based on authors such as: Bruno (2006), Fabre (20013), Heinich (2013), Koury (2009), Torres (2009), among others.

KEYWORDS: Emotion. Museality. Patrimonial Emotion. Gruppelli Museum.

1 | INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda as emoções pela perspectiva da Sociologia e Antropologia das Emoções. As emoções são compreendidas como “uma teia de sentimentos dirigidos diretamente a outros e causado pela interação com outros em um contexto e em uma situação social e cultural determinados” (KOURY, 2009,

RESUMO: Este artigo é inspirado no projeto de tese que está sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). O objetivo deste artigo é apresentar e discutir os principais conceitos que estamos abordando em nosso estudo de tese. Os conceitos são: emoção, musealidade e emoção patrimonial. Mencionamos que a nossa pesquisa de doutorado procura analisar as emoções expressas pelos visitantes no contexto expositivo do Museu Gruppelli, localizado na zona rural da cidade de Pelotas-RS, e os seus significados. A nossa argumentação se apoia em autores como: Bruno (2006), Fabre (20013), Heinich (2013),

p. 84). A perspectiva desta pesquisa é de cunho culturalista, isto é, compreende as emoções como sendo uma construção social. Na esfera patrimonial a categoria emoção também vem ganhando destaque atualmente. Mencionamos relevante obra denominada *Émotions Patrimoniales*, trabalho coletivo de estudos realizados por diversos intelectuais franceses. Pesquisas atuais no campo da Museologia e do Patrimônio Cultural, como a realizada por Motta (2015), afirma que os sujeitos frequentam os museus não somente para obter informações, mas também para expressar emoções.

Este artigo é inspirado no projeto de tese que está sendo desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), que tem como local de pesquisa o Museu Gruppelli. O referido Museu, localizado no 7º Distrito de Pelotas, na zona rural da cidade mencionada, foi inaugurado no ano de 1998, a partir da iniciativa da comunidade local que buscava preservar as suas referências patrimoniais por intermédio de objetos/indicadores de memórias. O Museu possui, hoje, um acervo aproximado de 2.000 objetos, que são divididos em várias tipologias (esporte, doméstico, impressos, trabalho rural e trabalho específico). O acervo do Museu foi e é adquirido por meio da coleta, compra, troca e doação. Desde 2008, o Museu conta com o apoio da UFPel por meio do Curso de Bacharelado em Museologia, que realiza um projeto de extensão denominado “Revitalização do Museu Gruppelli”.

Esta pesquisa é desdobramento de dissertação de mestrado defendida pelo autor deste trabalho no período de 2015-2017, no referido programa de pós-graduação. Aquela investigação teve como objetivo principal analisar a percepção museal¹ do público que visita as exposições do Museu Gruppelli. De modo geral, a pesquisa apontou para o fato de que os objetos musealizados são responsáveis por ajudarem os entrevistados, a partir de suas percepções museais, a afirmarem suas memórias e identidades pessoais e sociais, tanto pelo contato direto, como indireto, que tiveram com eles. Além disso, vimos que a percepção museal (base da musealidade) possibilitou que os entrevistados percebessem os objetos pertencentes ao acervo muito além de sua materialidade. Durante a pesquisa observamos que o público entrevistado ao se relacionar com os objetos tinha não somente memórias e identidades afloradas, mas também emoções. Tal situação reitera, o que apareceu em uma pesquisa de público realizada no mesmo Museu durante a exposição temporária “A vida efêmera dos objetos: um olhar pós-enchente”.² Entre as emoções mencionadas pelos entrevistados durante ambas as pesquisas podemos citar: saudosismo, nostalgia, esperança, pena, lástima, alegria, tristeza. Essa experiência nos levou a ponderar sobre o que as provocavam e qual a importância das mesmas para o público visitante e para

1 Esse conceito será explicado nas discussões deste artigo.

2 No dia 26 de março de 2016, a comunidade do sétimo distrito de Pelotas foi acometida por uma enchente de proporções inéditas. Parte do acervo do Museu Gruppelli foi arrastado pela força da água, ficando perdido ou danificado de forma irreversível. Entre as perdas está o tacho de cobre, considerado um importante objeto pelo público por representar à culinária e os modos de vida da região. A exposição contou a história da tragédia ocorrida no Museu através da visão dos objetos. Para saber mais sugerimos ver artigo publicado sobre o assunto que se encontra disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/11542/7383>. Acesso em: 20 out. 2018.

a preservação e difusão do próprio Museu. A partir disso propomos ainda, um conjunto de questões à pesquisa, que são: Quais emoções, além das já conhecidas, podem ser afloradas pelo público em sua relação contextual e cultural com os objetos expostos do Museu Gruppelli, mediadas pela percepção museal? Qual fator (ou quais fatores) suscitam essas outras emoções no público? Existiriam emoções mais intensas (marcantes) que outras? Se sim, quais seriam e por quê? Nesse momento podemos falar em uma “emoção patrimonial”? E o que podemos entender como tal? Algum objeto (ou alguns objetos) suscitariam mais emoções que outros? Se sim, quais seriam e por quê? Que relações podem ser estabelecidas entre memória social, emoção, museu e patrimônio cultural? As emoções que são afloradas no público têm o potencial de ajudar na preservação e difusão do patrimônio cultural e das instituições museológicas?

A pesquisa de tese parte então da hipótese de que a percepção museal do público visitante é a principal razão contributiva para que afluam diversas emoções nele mesmo, através da relação que travam com os objetos expostos no contexto do Museu Gruppelli.

Ela tem como objetivo principal analisar as emoções expressas pelos visitantes no contexto expositivo do Museu Gruppelli, localizado na zona rural da cidade de Pelotas-RS, e os seus significados.

A pesquisa está sendo realizada sob a forma de um estudo de caso (YIN, 2001). Estamos utilizando como ferramenta principal de coleta de dados a entrevista presencial e, igualmente, observação do pesquisador. A entrevista é semiestruturada, por meio de uma conversa de finalidade, elaborada pelo pesquisador, abordando questões com temáticas abertas e fechadas (CRUZ NETO, 1994). As entrevistas estão sendo aplicadas ao público frequentador do Museu, tanto o morador da zona rural, como da zona urbana, durante a visita. Para uma melhor análise dos dados que estão sendo obtidos nas entrevistas, estamos fazendo uso de um caderno de campo.

Pelo motivo de ainda não termos análises mais profundas e detalhadas das entrevistas que estamos realizando e querendo ao mesmo tempo evitar os estereótipos, vamos apresentar e discutir aqui, somente alguns conceitos centrais que estamos abordando na pesquisa. Os conceitos são: emoção, esse conceito está sendo analisado pelo viés da Antropologia/Sociologia das emoções, musealidade e emoção patrimonial. A nossa argumentação se apoia em autores como: Bruno (2006), Fabre (20013), Heinich (2013), Koury (2009), Torres (2009), entre outros.

2 | COLEÇÃO E MUSEALIDADE

O ato de colecionar objetos está intrinsecamente vinculado à formação dos museus no Ocidente. Mas, quais seriam os dispositivos sociais e cognitivos que motivam esse ato? Quais pontes conseguimos construir entre a formação de coleções e a vontade de preservar memórias? De forma sumária, compreendemos que a atribuição de valores e a recolha de

objetos, base fenomenológica dos museus, está atrelada ao conceito de musealidade. Para Maria Cristina Bruno (2006), a musealidade seria a percepção contextual da cultura material, temporalmente localizada e culturalmente orientada, cujo objetivo final seria a preservação. Deste prisma, a percepção museal acompanharia a humanidade desde a pré-história³, a partir do momento em que os grupos humanos selecionavam e retiravam fragmentos da realidade para proteção e guarda (BRUNO, 2006). Para a autora, a musealidade seria anterior ao próprio ato de colecionar e, conseqüentemente, anterior ao próprio museu-lugar.

Podemos dizer, portanto, que a musealidade seria o deslocamento de olhares do observador sobre o universo material e sensível que o cerca (a cultura material), atribuindo-lhe novos estratos valorativos, de sentido e significado, com o objetivo final de preservar e difundir memórias que são fixadas nos objetos. Importante frisar, também, que essa percepção tem estrita relação com os processos de seleção e apropriação de referenciais de memórias, que, por serem imbuídos de intencionalidades, não estão desconectados das esferas de poder sobre os símbolos entrelaçados nos objetos. Como já salientado, estimamos que esse conceito desperta o espectro emocional e que determina a ação preservacionista.

3 | OS MUSEUS COMO LUGARES DE EMOÇÃO, MEMÓRIA E IDENTIDADE

Como sabemos, os museus não constituem a realidade que vivemos, mas, sim, representações da mesma. São cenários de representações forjados pelos e para os sujeitos e irão existir enquanto ainda perdurarem.

Durante muito tempo se desenvolveu no imaginário das pessoas a opinião de que museus são lugares poeirentos, enfadonhos que preservam coisas velhas (múmias, dinossauros), sem sentido, desinteressantes e que remetem a morte. Entretanto, esse pensamento na sociedade contemporânea parece estar praticamente diluído, permanecendo poucos resquícios.⁴

Ao diversificar o seu próprio espaço o Museu saiu da pseudocasca que o escondia como “casa das múmias” das “coisas velhas”, do “almoxarifado da burguesia” e outros adjetivos que o puseram como lugar que possuía, digamos, “cheiro de mofo”. Já na década de 1980, após vários congressos sobre Patrimônio Cultural, a imagem do museu sobressaiu ainda mais da caixa das naftalinas. Passou a ser mais ativo na busca de novos objetos, se utilizando, em pesquisa, de novos espaços, mais aberto, aprimorando a visão entre sistema e ambiente, de uma maneira total, abarcando o artificial e o natural, ou seja: a história e a natureza, respectivamente. (OLIVEIRA, 2002, p.

3 Ideia presente nos argumentos de Loureiro (1977), onde diz que desde a pré-história os mortos já eram sepultados com um grande número de objetos que a eles pertenciam. Esses sepultamentos eram arraigados de crenças e simbolismo.

4 Em pesquisa de público realizada no centro da cidade de Pelotas em 2014, pelo autor deste trabalho, somente 1 pessoa dos 150 entrevistados disse não gostar de museu por considerá-lo um lugar de coisas velhas e sem valor. A pesquisa realizada buscou identificar os motivos do afastamento do público não especializado em relação ao Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Arte/article/view/11541/7382> Acesso em: 13 jul. 2017.

1, aspas no original).

Ideia compartilhada por Nascimento Júnior e Chagas:

De modo bastante visível os museus estão em movimento e já não são apenas casas que guardam marcas do passado, são territórios muito mais complexos, são práticas sociais que se desenvolvem no presente e que estão envolvidas com criação, comunicação, afirmação de identidades, produção de conhecimentos e preservação de bens e manifestações culturais (NASCIMENTO JÚNIOR; CHAGAS, 2006, p. 7).

Os museus não são somente lugares que preservam e difundem objetos do passado, ao contrário, são espaços de diferentes valores, sentidos, significados, de encanto, magia, curiosidade, criatividade, sonho, lazer, diálogo, interação, que possibilitam a produção de conhecimento, afirmação memorial, emocional e identitária. Os sujeitos encontram nos museus, um espelho de si, e da sociedade ao qual está inserido. Buscam refletir neles seus desejos, sentimentos, sonhos. Veem os museus como senhores e guardiões do tempo da memória e da história. Que (re)contam, (re)criam por meio de seus discursos, suas histórias e trajetórias de vida.

São lugares emaranhados de valores, significados, emoções, memórias e identidades. Ancoramos esse pensamento no Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Segundo a autarquia, as instituições museológicas são evocadoras de memória, onde o público busca descobrir, aprender e ampliar seus conhecimentos e sua consciência de identidade, cumprindo, desse modo, a sua função social. Esse pensamento é reforçado por Motta (2015), ao dizer que “as pessoas não vão aos museus apenas para obter informação, mas também para experimentar **emoções e sensações** diferentes das vividas no dia-a-dia” (MOTTA, 2015, p. 28, negrito nosso). São espaços que suscitam emoções, como ainda afirma Daniel Fabre (2013). Ou seja, os museus que despertam emoções podem ser considerados aquecidos, vivos. Diferente dos museus congelados, que cultuam objetos mortos e não se preocupam com as questões atuais (CHAGAS, 1994).

Por sua vez, para Maria Cristina Bruno (2006), os museus são lugares que administram os indicadores de memória, tendo por desafio, por meio da salvaguarda e comunicação, a manutenção das tradições, representações e reflexões sobre a realidade. Os museus podem ser compreendidos por esse ângulo, como “lugares de memória”⁵, segundo a concepção dessa expressão pelo historiador francês Pierre Nora (1993). “[...] museu não é mais (como se pensava há muito tempo) depósito de coisas velhas, sacralizadas, ícones, mas sim **lugar de memória** e da preservação da história e do patrimônio, que comunica” (BERTOTTO, 2015, p. 56, negrito nosso).

Mencionamos aqui, que os objetos, ao perpassarem o processo de musealização são

5 Para o autor, esses lugares buscam preservar o passado no presente. Busca-se preservar as lembranças de nossas vivências de outrora para a sua difusão. São mistos, híbridos, mutantes e em metamorfose, enlaçados de tempo e espaço, em memórias individuais e coletivas, do comum e do sagrado, do imóvel e do móvel. Possuem sentidos materiais, simbólicos e funcionais, em justaposição (NORA, 1993).

considerados documentos, patrimônio, representações da realidade da qual constituíam. São considerados senhores do tempo, da memória e da história. São considerados semióforos no entendimento de Pomian (1997). São segundo o autor, intermediários entre o visível e o invisível.⁶ E assim como os museus, funcionam como “extensões de memória” (CANDAU, 2014).⁷

Nesse sentido, os objetos (extensões da memória) serviriam para evocar e fixar memórias, que são ativadas aleatoriamente ou, em especial, nos lugares projetados para esse fim – a exemplo dos museus. Acreditamos, ainda, que os bens patrimoniais podem ser considerados fios de memória.⁸ Uma vez que, ao desfiarem esse novelo, mediatizados pelos objetos, possibilitam conectar em uma mesma rede evocação de memórias individuais e partilhadas, aproximando pessoas e lugares, muitas vezes, ausentes. Os objetos são fios de memórias que possibilitam ao público desenrolar suas memórias, emoções, tecendo suas biografias, ao mesmo tempo em que constroem sua própria identidade individual e social.

Patrimônio e emoção são praticamente indissociáveis. “A emoção parece quase inseparáveis da experiência patrimonial. No entanto, existem experiências patrimoniais não emocionais.” (HEINICH, 2013, p. 196, tradução nossa).⁹ Os bens patrimoniais são responsáveis por despertar diversas emoções nos sujeitos e grupos sociais, por meio da ativação de suas percepções museais. “Mostram-se companheiros **emocionais** e intelectuais que sustentam memórias, relacionamentos; além de provocar constantemente novas ideias” (DOHMANN, 2010, p. 72, negrito nosso). Ideia que podemos ancorar em Munõz Vinãs (2003), quando diz que os objetos são carregados de sentidos, valores, ideias, que evocam memórias, emoções, sensações e saberes que representam um coletivo. Essa afirmação também é discutida por Hernández e Tresseras (2007). Para os autores, o bem patrimonial é motivo de inspiração, estímulo à imaginação, catalisadoras de emoções que servem de porta de acesso ao passado, conjuntamente com a memória e a história escrita (HERNÁNDEZ; TRESSERAS, 2007). As emoções se manifestam frente ao patrimônio levando em consideração sua dimensão contextual e de localização. Essas emoções variam de sujeito para sujeito e de patrimônio para patrimônio (HEINICH, 2013). Essas variações ocorrem porque as emoções, assim como os valores, não emanam dos objetos; são, sobretudo atribuições dos sujeitos e grupos que se relacionam com os

6 Os objetos quando ressignificados e inseridos em um cenário de representação, o museu, servem como dispositivos que conectam o visível, pela objetividade dos objetos, ao invisível, pela subjetividade da percepção. Ao servir como ponte entre o aparente e o ausente, esses objetos assumiriam um valor documental da realidade para qual o observador é projetado.

7 De acordo com Candau (2014), “mesmo que as capacidades memoriais estritamente humanas sejam consideráveis, o homem quase nunca está satisfeito com seu cérebro como unidade única de estocagem de informações memorizadas e, desde muito cedo, recorre a extensões de memória” (CANDAU, 2014, p. 107).

8 Essa expressão também é utilizada pelas autoras Helena Silveira e Adriana Kortlandt (2010), em seu livro “Fios de memória um guia para escrever de si.” Na obra as autoras buscam estimular a interação entre o leitor e as palavras, para começarmos a narrar quem somos para dar voz a nós mesmos.

9 “*L’émotion y semble quasi indissociable de l’expérience patrimoniale. Il existe toutefois des expériences patrimoniales non émotionnelles.*”

mesmos. Contudo, na atualidade, essas discussões ainda passam ao largo das políticas para preservação do patrimônio.

O patrimônio define-se, ao mesmo tempo, pela realidade física de seus objetos, pelo valor estético e, na maioria das vezes, documental, além de ilustrativo, inclusive de **reconhecimento sentimental**, que lhe atribui o saber comum, enfim, por um estatuto específico, legal ou administrativo (POULOT, 2009, p. 13, negrito nosso).

Podemos dizer que os bens patrimoniais são valorizados no momento que encontram “ressonância” (GREENBLATT, 1991)¹⁰ junto aos sujeitos e grupos sociais. Os sujeitos valorizam, preservam e difundem os bens patrimoniais na medida em que se sentem reconhecidos e refletidos por eles, os reconhecem por perceberem que são importantes mediadores para a afirmação de emoções, memórias e identidades. Nesse momento, podemos falar também, em uma “emoção patrimonial” (FABRE, 2013¹¹; PALUMBO, 2013; HEINCH, 2013). Esta última se manifesta quando os sujeitos e grupos tem paixão pelo patrimônio (PALUMBO, 2013). “[...] emoções patrimoniais sugerem, de acordo com uma metáfora banal, uma escala que se equivale às das temperaturas. Vai do mais quente ao mais ardente e vice-versa.” (FABRE, 2013, p. 38, tradução nossa).¹²

Para Fabre (2013) e Heinch (2013) a emoção patrimonial pode se manifestar tanto de maneira positiva como negativa. A primeira é despertada quanto à apropriação, identificação das pessoas pelo patrimônio. Buscam evitar que esse seja destruído. Lutam para salvaguardá-lo. Essa emoção é responsável por ajudar na afirmação identitária dos sujeitos e grupos. Já, as emoções negativas ocorrem quando não há apropriação, reconhecimento por parte dos grupos sociais em relação ao patrimônio. Essa falta de identificação pode levar a destruição, degradação e modificação do mesmo.

Ainda para a autora, as diversas emoções observadas em relação aos bens patrimoniais podem ser divididas em três categorias. A emoção frente ao valor de autenticidade; a emoção frente ao valor de presença; e a emoção frente ao valor de beleza. A primeira é vinculada a originalidade, a autenticidade histórica do objeto. A segunda é vinculada a um sentimento de reencontro, a um contato com as pessoas relacionadas a esse objeto, é uma emoção que vem da noção de insubstituibilidade do objeto, *por ele nos conectar a uma pessoa*. Já, a terceira categoria é relacionada às emoções frente à beleza estética do patrimônio.

Porém, para que o patrimônio desperte emoções é necessário que ele seja visto

10 *By resonance, I mean the power of the displayed object to reach out beyond its formal boundaries to a larger world, to evoke in the viewer the complex, dynamic cultural forces from which it has emerged and for which it may be taken by a viewer to stand. By wonder, I mean the power of the displayed object to stop the viewer in his or her tracks, to convey arresting sense of uniqueness, to evoke an exalted attention* (GREENBLATT, 1991, p. 42).

11 Segundo Fabre (2013) a Revolução Francesa ocorrida no século XVIII, suscita como a primeira grande evidência histórica de onde surgem as emoções coletivas.

12 “[...] *des émotion patrimoniales suggère, selon une métaphore banale, une échelle qui emprunte à celle des températures. On va du plus tiède au plus ardent et inversement.*”

pelas pessoas. Pensamento partilhado por Roca (2008) ao dizer que o patrimônio para ser amado precisa ser comunicado.

Para atingir esse objetivo os museus na contemporaneidade vêm colocando suas atenções para a comunicação museológica já que esta¹³ pode ser considerada como a mais importante e primordial função dentro do processo de musealização, segundo as autoras Cury (2006) e Roque (2010). Para Cury (2006), diversas são as formas de o museu se comunicar.¹⁴ Dentre elas, a exposição é considerada a principal forma. Segundo a autora, a exposição é o produto final de um longo processo; é nela que o público tem acesso à poesia das coisas, em que o museu se apresenta à sociedade, afirmando sua missão institucional e identidade com o seu visitante.

Vale mencionar, que uma exposição não é feita somente com objetos. É na verdade, a soma de diversas ferramentas como: sons, luzes, cores, cheiros, o prédio, a paisagem em que situa, entre outros. Todos esses elementos compõem o que chamamos de linguagem ou discurso museológico.

Acreditamos que uma boa exposição, não é aquela que somente traz novas informações ou gere novos conhecimentos, mas aquela que tem o potencial de impactar os visitantes por meio dos seus diversos sentidos e emoções. Tojal (2007, p. 102, 103) reforça esse pensamento, dizendo que:

a percepção multissensorial é também parte inerente de uma postura semiótica aplicada à comunicação museológica que privilegia a compreensão da recepção, a partir dos estímulos provenientes dos objetos e dos sentidos, a eles atribuídos pelo público fruidor, sendo que, nesse caso mais específico, a ênfase da recepção está vinculada à fruição do objeto cultural a partir de todos os canais sensoriais além do visual, como o tátil, auditivo, o olfativo, o paladar e o sinestésico.

Para chegar a tais objetivos, os museus, devem, portanto, participar constante e ativamente, da reconstrução do passado e das memórias, para a consolidação de discursos heterogêneos. Em outras palavras, os museus precisam se comunicar de maneira dialógica, conforme aponta Roque (2010), priorizando a interação e o diálogo com o público, tornando-o um agente ativo do processo. Devem construir discursos claros e compreensíveis, construídos juntamente com o público. É a partir da interação museu-público que a comunicação estará finalmente completa, conforme nos asseguram os autores Sanjad e Brandão (2008).

13 O sistema de comunicação museológica é um conjunto de partes que formam um sistema por constituírem uma interdependência, condição para atingir o objeto exposição, a partir da operação de uma série de ações/atividades. Mas, o sistema de comunicação museológica, assim como qualquer outro sistema, não deve constituir-se pela soma das características das partes, dos elementos, mas sim pela interação desses, constituindo o todo, a unidade orgânica indivisível. As características do sistema de comunicação museológica está no todo, na sua globalidade, na sinergia.” (CURY, 2006, p. 52).

14 Para Cury (2006) diversas são as formas de o museu se comunicar, como artigos científicos de estudos de coleções, catálogos, materiais didáticos em geral, vídeos, filmes, palestras, oficinas, e material de divulgação e a própria exposição. É na comunicação onde ocorre uma extroversão do conhecimento depois da ocorrência da introversão, sendo à entrada do conhecimento a instituição por meio dos seus objetos adquiridos.

Assim, segundo Bottallo (1995), aos museus na contemporaneidade cabem, através de suas exposições, valorizar o sujeito (considerando os tipos de públicos) e levantar questões (a serem discutidas) que evitem discursos excludentes e equivocados e levem ao afastamento de seu objetivo, ou seja, problematizar o sujeito como o objeto no cenário museal. O museu, então, ao mesmo passo, poderá reivindicar seu lugar na sociedade como espaço de preservação, discussão e exercício da cidadania, consolidando a comunicação como eixo central das ações museológicas.

4 I A ANTROPOLOGIA E SOCIOLOGIA DAS EMOÇÕES

Um dos conceitos centrais que estamos abordando em nosso estudo é o de emoção. As emoções estão sendo compreendidas pela perspectiva da Sociologia e Antropologia das emoções, que as define como sendo “uma teia de sentimentos dirigidos diretamente a outros [objetos e pessoas] e causado pela interação com outros em um contexto e em uma situação social e cultural determinados” (KOURY, 2009, p. 84 – interpolação nossa). Ou seja, a perspectiva desta pesquisa é de cunho culturalista, isto é, compreende as emoções como sendo processos aprendidos dentro da sociedade à qual pertencemos, através da interação com o outro dentro do processo de socialização (PEREIRA, 2010).

4.1 O surgimento da Sociologia e Antropologia das Emoções

O estudo das emoções, de maneira específica, pode ser considerado algo relativamente novo nas ciências sociais, tendo encontrado a fundação de um campo específico nos anos 1980, nos Estados Unidos (TORRES, 2009).

Uma vasta gama de autores clássicos destacara a relevância dos sentimentos para uma compreensão da vida social ao longo do desenvolvimento das ciências sociais¹⁵, mas muito deles vincularam a ideia de emoção a uma suposta natureza universal e imutável dos seres humanos. Para esses autores, a emoção diria respeito à esfera “inerente” do indivíduo e de sua “essência”, apresentada de forma similar e independentemente de contextos históricos e sociais. O desenvolvimento de um campo específico de estudos se deu de maneira gradativa, até que antropólogos e sociólogos viessem a acreditar na pertinência de seu próprio instrumento para abordar de frente a questão dos sentimentos, não mais restrita à alçada da Psicologia.

Émile Durkheim e Marcel Mauss são autores clássicos que deram passos importantes e iniciais na consolidação das emoções como objeto de estudo das ciências sociais, mas foram Lila Abu-Lughod e Catherine Lutz, numa coletânea que organizaram sobre o tema, que mapearam a “antropologia das emoções”, mostrando os diferentes momentos pelos quais esse campo específico teria passado até então, e propuseram uma nova vertente batizada de “contextualista” (ABU-LUGHOD & LUTZ, 1990). Nessa, a ênfase recai nos discursos e na emoção como um construto sociocultural, manifestado em situações sociais

¹⁵ Por exemplo, Radcliffe-Brown, 1973.

específicas. O discurso emotivo faz parte de um idioma próprio, já que cada grupo social possuiria o instrumental adequado para interpretar seus efeitos. Quem fala e o que se fala, para quem e como, ou seja, o contexto particular em que o discurso emotivo (ou sobre a emoção) se forma e é formador de experiências, são sinais de uma comunicação que dá ao problema teórico dos sentimentos chave importante na compreensão de toda a dinâmica cultural. Tal comunicação, composta pela fala em si, assim como por atos pragmáticos e performáticos constitutivos do discurso, pode incluir diversos aspectos discursivos e expressivos.

Também assinalamos que o significado da emoção conexa à lembrança é um dos temas recorrentes nos estudos sobre memória e sua proeminência nas sociedades contemporâneas regidas por uma relação com o tempo que coloca o passado como possibilidade de construção do que virá. Assentimos com aqueles que consideram a forte expressão da emoção em nossas sociedades como resultado da invasão dos espaços públicos, do investimento de sentido aos territórios da memória, dos aparelhos culturais como museus e memoriais nos quais diferentes dispositivos atuam no sentido de propor ao visitante, a experiência do sofrimento e a empatia com o que está sendo exposto, uma espécie de habilidade necessária que desenvolvem estes meios para envolver, numa espécie de cumplicidade, os sujeitos visitantes (FERREIRA, 2017).

Mauro Koury, em sua obra *Emoções, Sociedade e Cultura* (2009), nos apresenta brevemente duas grandes perspectivas teóricas da sociologia das emoções: uma de “cunho positivista” e outra com “feições antipositivistas”. Em outros termos, a primeira analisa as emoções dentro da sociologia concebendo mais importância aos aspectos biológicos e fisiológicos em relação aos substratos sociais, partindo de uma concepção teórico-metodológica positivista. No entanto, a segunda, se prostraria para os aspectos socioculturais das experiências emocionais, valorizando os sentidos subjetivos que os próprios atores sociais atribuiriam aos fenômenos emocionais através das relações sociais criadas e desenvolvidas na sociedade e na cultura as quais pertencem. Desta forma para esta segunda posição as emoções são uma construção social (KOURY, 2009, p. 46).

A concepção biossocial ou evolucionista das emoções, defendida por pioneiros da sociologia das emoções como Theodore D. Kemper e Jonathan H. Turner, colocam “uma posição cientificista (segundo o modelo da ciência natural) e afirmam a preponderância do substrato biológico sobre os fatores sociais. Propõe que as emoções são indissociáveis da história evolucionária da espécie, estão pré-fixadas no organismo humano [...]” (TORRES, 2009, p. 13-14).

Em síntese: todas as emoções, encontradas em sociedades e culturas específicas e em épocas distintas, têm, por excelência, bases biológicas e mesmo emoções mais complexas, e que “aparentemente” possuem suas origens na construção do social, não passam de derivações e combinações das chamadas e tão discutidas “emoções

primárias”.¹⁶ Portanto, o meio apenas nos relega a significação que daremos a situação, nos dão os fatores para apresentar as emoções, que por sua vez já são pertencentes ao ser humano e aparecem e são sentidas a partir da situação dada, como se por extinto, para que possamos nos preparar para reagir.

Entretanto, em destacável oposição, há os teóricos intitulados socioculturalistas, ou construtivistas das emoções, como Arlie Hochschild e Steven Gordon, dentre muitos outros, que partem do pressuposto de que as emoções variam de acordo com a sociedade e a cultura em que o sujeito está inserido. Ambos são críticos vivazes do universalismo. Apesar de não negarem o fato de o biológico e o fisiológico terem atuação na manifestação das emoções, criticam o fato de atribuir-se a essas duas concepções toda atenção, numa afirmação convicta de que são suficientes para se esclarecer todas as questões da esfera emocional.

Koury (2009) cita também outros autores, contemporâneos, que foram de suma importância para o desenvolvimento e consolidação da sociologia das emoções. É o caso de Thomas Scheff, Retzinger, Scherer, Schott dentre outros. (KOURY, 2009, p. 61-62). Para estes autores, as emoções realmente ocuparam um papel de destaque nos estudos da sociologia a partir dos trabalhos de Norbert Elias, Helen Lynd e Richard Sennett. Isso porque estes três autores citados partem do pressuposto de que a sociologia das emoções deve se aprofundar em pesquisar sobre emoções específicas, que no caso dos três seria a “vergonha” (KOURY, 2009, p. 62).

A partir deste último enfoque, podemos citar estudiosos(as) contemporâneos(as) brasileiros(as) que em seus estudos se dedicam as emoções específicas e suas variantes, como é o caso de Claudia Barcellos Rezende (2002, 2002a, 2006) que “a partir do final dos anos noventa do século passado, adota a antropologia das emoções enquanto linha de pesquisa específica para estudar a questão da amizade” (KOURY, 2009, p. 74). Ou Maria Cláudia Coelho (2003, 2006), que estuda o conceito de dádiva na contemporaneidade, “onde procura compreender os princípios, as normas e as regras que norteiam a troca de presentes (COELHO, 2006), e discutir a dádiva como tática usada para a construção de identidades e demonstração de emoções” (KOURY, 2009, p. 74).

Outro nome de suma importância para a sociologia das emoções no Brasil é o já mencionado Mauro Guilherme Pinheiro Koury, que em suas discussões aborda aspectos sobre o sentimento de luto e sociabilidade (2003, 2004, 2009), bem como suas representações na construção do sujeito, na procura de compreender as mudanças e as

16 Emoções primárias nas discussões biossocial (evolucionista/universalistas) - apesar da grande contradição entre teóricos desta tendência sobre quais emoções são consideradas primárias - podem ser entendidas como emoções básicas, primordiais para a sobrevivência da espécie desde suas origens. Alguns autores colocam estas emoções primárias como sendo a raiva, o medo, a tristeza, a alegria e o afeto, mas não há um consenso sobre quantas, nem exatamente quais emoções são primárias dentre os próprios integrantes desta tendência. Desta forma as “emoções secundárias” que são de cunho mais social seriam mesclas das emoções primárias mediante a significação do indivíduo a situação social em que enfrenta. Podemos ilustrar com o exemplo das cores primárias onde as misturando, podemos obter as cores secundárias e assim por diante.

permanências, os conflitos e as ambivalências, nos modos de vida e no imaginário urbano brasileiro, a partir dos anos setenta do século XX.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já mencionado, queremos como este estudo ressaltar o potencial emotivo do patrimônio na relação travada com os sujeitos. Ou seja, extrapolar o sentido burocrático-jurídico do trato patrimonial e invadir o campo da negociação simbólica emotiva. Uma vez que, os “museus não podem ser concebidos como templos ou fóruns, palácios ou cemitérios, porque é muito mais útil pensá-los como palcos” (SOARES, 2012, p. 203, **negrito nosso**). Pensá-los como palcos, é refleti-los como espaços em que as pessoas se tornem protagonistas, atores das dinâmicas museais e sociais.

Para além da diversidade de objetos que devem ser adotados, conservados, tratados, as inúmeras maneiras como as coisas se tornam objetos apropriados para se pensar, entre a reivindicação patrimonial e o saber histórico, alimenta hoje uma história das emoções e das memórias. (POULOT, 2011, p. 479).

Nesse sentido, podemos dizer que as emoções são indispensáveis para que os museus e os patrimônios existam e encontrem ressonância social. Para Gonçalves (2012), a ressonância teria relação com o impacto que determinada referência patrimonial tem nas pessoas; como essas referências são pensadas, utilizadas e significadas. O patrimônio não é visto como uma “entidade”, mas como atividades e formas de ação.

Estimamos ainda, que a pesquisa que buscamos realizar se encontre no centro das discussões atuais que tangenciam a área da Memória Social e do Patrimônio Cultural, por lançar novos olhares sobre a forma como as pessoas se apropriam, reconhecem, sensibilizam, (re)significam, se relacionam e usam o patrimônio, de maneira a afirmar (ou contestar) suas emoções, memórias e identidades. Ao mesmo tempo, que é relevante igualmente ao campo dos museus, por buscar compreender quais são as possíveis relações que podem ser estabelecidas entre público, emoção, patrimônio e museu tendo como referência o conceito de musealidade – conceito este que é reconhecido na atualidade como um dos mais relevantes para o estudo da Museologia. A partir disso, pretendemos, com esse estudo juntamente solidificar e criar pontes disciplinares entre os campos (memória, patrimônio e museu). Ao mesmo tempo, que intenta inter-relacionar e observar as aproximações e os limites conceituais de ambos os campos.¹⁷

REFERÊNCIAS

ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. **Language and the Politics of Emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

17 “[...] museus e patrimônio constituem campos distintos e complementares, que frequentemente dançam ao som de uma mesma música. Ora é um, ora é o outro quem conduz a dança” (CHAGAS, 2013, p. 03).

BERTOTTO, Márcia. Sistema museológico – contributo para as políticas públicas. In: GUIMARÃENS, Cêça; RANGEL, Vera; BERTOTTO, Márcia (Org.). **Museologia social e cultural**. Rio de Janeiro: Rio Book's, 2015.

BOTTALLO, Marilúcia. Os museus tradicionais na sociedade contemporânea: uma revisão. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n, 5, p. 283-287, 1995.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museus e Pedagogia Museológica: os caminhos para a administração dos indicadores da memória. In: **As várias faces do Patrimônio**. Santa Maria: LEPA/UFMS, 2006.

CANDAU, Jöel. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2014.

COELHO, Maria Cláudia. Dádiva e Emoção. Obrigatoriedade e espontaneidade nas trocas materiais. 2003. **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 2, n. 13, p. 39-57. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>. Acesso em: 18 ago. 2017.

_____. **O valor das intenções: dádiva, emoção e identidade**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2006.

CURY, Marília Xavier. **Exposição: concepção, montagem e avaliação**. São Paulo: Annablume, 2006.

CHAGAS, Mário. **Educação, Museu e Patrimônio: tensão, devoção, e adjetivação**, 2013.

_____. O verão, o museu e o rock. **Cadernos de Sociomuseologia**, nº2- ULHT, Lisboa, 1994. p.73-75.

CRUZ NETO, Otávio. Trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

DOHMANN, Marcus. **O Objeto e a Experiência Material**. Disponível em: https://www.academia.edu/26512979/O_objeto_e_a_experi%C3%Aancia_material. Acesso em: 1 jul. 2017.

FABRE, Daniel. Le patrimoine porte par l'émotion. In: FABRE, Daniel. (Org.). **Émotions patrimoniales**. Paris: Éditions de La Maison des Sciences de L'homme, 2013. p. 13-98.

FERREIRA, Maria Letícia Mazzuchi. Próxima chamada: "Memória e emoção". Revista **Memória em Rede**, v. 9, n. 16, 2017. s/n.

GREENBLATT, Stephen. *Ressonance and wonder*. In: KARP, Ivan; LAVINE, Steven D. **Exhibiting Cultures: the poetics and politics of museums display**. Washington/London: Smithsonian Books, 1991. p. 42-56.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. As transformações do patrimônio: da retórica da perda à reconstrução permanente. In: TAMASO, Izabela; FILHO, Manuel Ferreira Lima (Org.). **Antropologia e Patrimônio Cultural: trajetória e conceitos**. Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012.

HEINICH, Nathalie. Esquisse d'une typologie des émotions patrimoniales. In: FABRE, Daniel. (Org.). **Émotions patrimoniales**. Paris: Éditions de La Maison des Sciences de L'homme, 2013. p. 195-210.

HERNÁNDEZ, Josep Ballart; TRESSERAS, Jordi Juan. **Gestión del patrimônio cultural**. 3 ed. Barcelona: Editorial Ariel, 2007.

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Disponíveis em: <http://www.museus.gov.br/museu/>. Acesso em: 20 mai. 2015.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. **Sociologia das emoções**. O Brasil urbano sobre a ótica do luto. Petrópolis, Vozes, 2003.

_____. **Introdução à Sociologia das Emoções**. João Pessoa, Manufatura/GREM, 2004.

_____. **Emoções, Sociedade e Cultura**: a categoria de análise emoções como objeto de investigação na Sociologia. Curitiba: Editora CRV, 2009.

LOUREIRO, Maria Emilia Salgado. **Origem Histórica dos Cemitérios**. São Paulo: Secretaria de Serviços e Obras da Prefeitura do Município, 1977.

MOTTA, Ana Gláucia Oliveira. **O Museu de São Benedito do Rosário**: musealização como parte de uma política preservacionista do Patrimônio Cultural. Dissertação. 2015, p. 173. Dissertação (Mestrado em Museologia e Patrimônio). Programa de Pós Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS). UNIRIO/MAST, Rio de Janeiro, 2015.

MUNÓZ VIÑAS, Salvador. **Teoria contemporânea de la restauración**. Madrid: Editorial Sinteses, 2003.

NASCIMENTO JÚNIOR, José do; CHAGAS, Mário. Museus e política: apontamentos de uma cartográfica. In: **Caderno de Diretrizes Museológica**. Brasília: Ministério da Cultura, 2006.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP**, n. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. O museu e a globalização. **Revista do Museu**, 2002. Disponível em: <http://revistamuseu.com/18demaio/artigos.asp?id=1117>. Acesso em: 13 jul. 2017.

PALUMBO, Berardino. Émotions patrimoniales et passions politiques (Sicile orientale). In: FABRE, Daniel. (Org.). **Émotions patrimoniales**. Paris: Éditions de La Maison des sciences de l'homme, 2013. p. 357-375.

PEREIRA, Sara Silva. **Processos emocionais**. 2010. Disponível em: http://www.notapositiva.com/old/pt/apntestbs/psicologia/12_processos_emocionais.htm#vermais. Acessado em: 27 ago. 2017.

POMIAN, K. Coleção. In: Enciclopédia Einaudi, volume 1, **Memória-História**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1997.

POULOT, Dominique. Cultura, História, Valores Patrimoniais e museus. **Varia História**, Belo Horizonte, vol. 27, nº 46: p.471-480, jul/dez 2011.

_____. **Uma história do patrimônio no Ocidente, séculos XVIII – XXI: do monumento aos valores.** Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

RADCLIFF-BROWN, Alfred R. **Estrutura e Função na Sociedade Primitiva.** Petrópolis: Vozes, 1973.

ROQUE, Maria Isabel. Comunicação no museu. In: MAGALHÃES, Aline Montenegro; BEZERRA, Rafael Zamorano; BENCHETRIT, Sarah Fassa. (Orgs.). **Museus e Comunicação: Exposição como objeto de estudo.** Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2010. p. 46-68.

ROCA, Andrea. Classificar, nomear, representar; objetos e palavras para construir a nação argentina em um museu. In: CHAGAS, Mário de Souza, BEZERRA, Rafael Zamorano, BENCHETRIT, Sarah Fassa. (Orgs.). **A Democratização da Memória: A Função Social dos Museus Ibero-Americanos.** Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2008. p. 105-124.

SANJAD, Nelson e BRANDÃO, Carlos Roberto. A exposição como processo de comunicação. In: **Cadernos de Diretrizes 2 – Mediação em Museus: Curadorias, Exposições e Ação Educativa,** Belo Horizonte, SUM, 2008.

SILVEIRA, Helena; KORTLANDT, Adriana. **Fios de memória: um guia para escrever de si.** Brasília: Thesaurus, 2010.

SOARES, Bruno Brulon. Entre o reflexo e a reflexão: por detrás das cortinas da performance museal. **Documentos de trabalho do 21º Encontro Regional do ICOFOM LAM 2012.** Petrópolis, Nov/ 2012. p. 192-204.

TOJAL, Amanda Pinto da Fonseca. **Políticas Públicas de Inclusão Cultural de Públicos Especiais em Museus.** 2007, 322f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Curso de Pós Graduação em Ciência da Informação, da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27151/tde-19032008-183924/pt-br.php>. Acesso em: 05 mai. 2016.

TORRES, Marieze Rosa. **Hospedes incômodas?** Emoções na Sociedade Norte-Americana. Tese de doutorado. 203 f. Universidade Federal da Bahia. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Bahia. 2009.